

Resenha

Por um noticiário produtor

(BOTTON, Alain de. **Notícias**: manual do usuário. Tradução: Clóvis Marques.
Rio de Janeiro, 2015. 240 p.)

Tiago Eloy ZAIDAN¹

Na década de 1870, o notório escritor francês Gustave Flaubert (1821 – 1880), autor do clássico *Madame Bovary*, não deixou passar em branco a enxurrada de clichês que os jornais da época ocupavam-se em popularizar. Tratavam-se de conhecimentos que dotavam de “cultura” os “idiotas modernos” e os enchiam de autoridade, por torná-los capazes de reproduzirem ideias prontas sobre temas tão diversos e complexos como teologia, política e economia. Um compilamento de tais clichês foi reunido na obra póstuma *Dicionário das ideias feitas*, escrito o qual poderia muito bem receber o incremento de inúmeras novas páginas com verbetes coligidos na imprensa contemporânea.

Desta forma, mais pessoas do que se imagina acreditam compreender assuntos relacionados à política econômica do país, ou, pelo menos, discursam como tal, quando, na verdade, estão apenas reproduzindo clichês de matérias jornalísticas as quais, “(...) tendem a apresentar as questões de maneira a reduzir nossa vontade e até mesmo nossa capacidade de imaginá-las sob ângulos muito diferentes. Pela força de intimidação, o noticiário entorpece” (p. 66).

O uso de clichês – estratégia de uma mídia comercial ansiosa para não perder audiência com sinuosidades as quais podem tornar inteligível o consumo de seus conteúdos pelas maiorias – é apenas uma das facetas trazidas a luz pelo filósofo suíço Alain de Botton no recente livro *Notícias: manual do usuário*. Tornado célebre por popularizar a filosofia e aplicá-la à vida prática, Botton justificou a sua incursão pela comunicação social, mais precisamente pelo estudo do jornalismo e de seu carro-chefe, a notícia, por enxergar o noticiário como uma espécie de continuação da educação formal fornecida pelas instituições acadêmicas. Para o bem ou para o mal, os produtores

¹ Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). E-mail: eloyzaidan@gmail.com

de notícias continuam o processo de instrução das pessoas depois que estas concluem o ensino regular. Os bancos escolares podem ficar para trás, mas as notícias estarão em toda a parte, assediando os indivíduos pelo resto de suas vidas.

As notícias, portanto, possuem incontestável relevância nas trajetórias das pessoas. Apesar disso, tais textos jornalísticos (e imagens, no caso do fotojornalismo) não costumam ser dissecados com o mesmo respeito que se costuma dirigir a um quadro em um museu ou a um texto literário clássico. Talvez por ter se tornado hábito, aparentemente inofensivo, o consumo de notícias e o impacto disso na nossa vida carecem de uma reflexão que tire as pessoas do automático em suas relações com o noticiário. É a isto que o livro *Notícias: manual do usuário* se propõe.

Para tal, o autor se vale do que chama de “(...) uma fenomenologia de um conjunto de encontros com o noticiário” (p. 15). O livro “Organiza-se em torno de fragmentos colhidos em diferentes fontes e submetidos a uma análise deliberadamente mais aprofundada do que seus geradores pretendiam” (p. 15). Tratam-se de manchetes de jornais e agências de notícias, de trechos de matérias e entrevista, de índices financeiros típicos de uma editoria de economia e de fotografias, sempre permeados por referências eruditas a filósofos, obras clássicas da literatura e, até mesmo, das artes plásticas, em um cadinho que é a marca registrada do filósofo, o qual já emplacou alguns *best-sellers* – feito suficiente para atirar os mais desconfiados dentre os membros da elite cultural.

Apesar de o título sugerir um manual para os usuários, ou seja, para os vorazes consumidores das notícias, o livro apresenta-se mais como um manual para os produtores dos noticiários, ao indicar novos caminhos para a prática da confecção de notícias, a partir de problemas das seguintes ordens: “(...) Idealmente, como deveria ser o noticiário? Quais as necessidades profundas que deve atender? Como poderia nos tornar pessoas melhores?” (p. 215).

Obtusidade central identificada por Botton, recorrente nos noticiários, diz respeito à fragmentação. Trata-se do fenômeno em que recortes minúsculos e parciais de fatos publicados no calor dos acontecimentos, sem o distanciamento e o tempo necessários para a compreensão mais abrangente do evento, fornecem pílulas descontextualizadas travestidas de notícias.

O autor apresenta uma analogia com um fragmento do quadro *Retrato de Geromalo Barbarigo*, do italiano Ticiano (1490 – 1576). Revelado apenas um pequeno retângulo da obra, a pintura nada significa. Mostra-se incompreensível, até. Descortinando-se o todo, entretanto, o quadro revela-se um espécime significativo da cultura ocidental. “O problema é que estaríamos observando da distância errada – trata-se de uma obra-prima diante da qual aquele que contempla deve estar a pelo menos um metro para que qualquer interesse possa ser despertado” (p. 21).

Sem o distanciamento necessário, acontecimentos sérios, com impacto sobre a esfera pública, apresentados em meio a um universo desorganizado de retalhos de acontecimentos fornecidos incessantemente pela mídia, não despertam o interesse como deveriam. Os leitores não conseguem situar as informações e, por conseguinte, se entediam com elas. Ou, na melhor das hipóteses, tendo o leitor efetivamente consumido a notícia, tende a se sentir impotente.

Ante a escala dos problemas focalizados pelo noticiário, a iniciativa pessoal pode começar a parecer patética e sem sentido. Em vez de deixar a impressão de uma possibilidade política, o contato com as notícias do dia pode nos causar uma sensação de insignificância em um universo fundamentalmente caótico e sem salvação (p. 27).

Se aliarmos a isso a tendência gritante dos meios de comunicação para amplificar as más notícias, transmitindo o sentimento de cataclismo iminente, temos a generalização do cinismo, o qual leva ao brado de vulgaridades como: “todo político é ladrão”, “o ser humano é essencialmente ruim” e, para coroar: “Direitos humanos é direito de bandido”. Por outro lado, como bem cita o autor, dificilmente veremos em um noticiário fatos corriqueiros como “Jovem de quinze anos ajuda idosa desconhecida de 87 anos a subir três andares de escada na ferroviária”, ou “65 milhões de britânicos vão para a cama toda a noite sem matar ou bater em ninguém” (BOTTON, 2015, p. 38).

O filósofo suíço chega a apontar tais manobras geradoras de tédio e de imobilismo como sérias concorrentes da censura como ferramenta para a privação da vontade política de um povo. Trata-se, aliás, de uma estratégia potencialmente mais perigosa que a censura propriamente dita, por não ser declarada e conseguir resultados propugnadores do *status quo*.

Bastaria dar um jeito para que as organizações jornalísticas divulgassem uma torrente de boletins aleatórios, fornecendo uma grande quantidade de informação, mas com pouca explicação do contexto. Além disso, dentro de uma programação que não para de mudar, tratando como sem relevância uma questão que pouco antes parecia premente e salpicando atualizações constantes das peraltices interessantes de assassinos e estrelas de cinema. (p. 29).

A semelhança da receita acima com o repertório destilado pela mídia no Brasil revela o quanto é universal, o desafio de lidar com os meios de comunicação de massa. É curioso constatar que para ser, de fato, um aliado da democracia e construtor de um mundo melhor, o jornalismo não deve se bastar na divulgação infundável de notícias, mas encontrar formas de despertar o interesse das pessoas para os fatos importantes. Fazer com que os consumidores dos noticiários, de fato, se importem. Esta é uma das provocações precípuas sugeridas por Botton aos construtores das notícias. Sobretudo no tocante ao noticiário internacional, onde repousam no limbo da baixa audiência temas político-sociais importantes de países estrangeiros.

Em uma nação continental e desigual como o Brasil, nem mesmo a objetividade cortante e as poucas linhas dedicadas ao flagelo dos sertanejos no nordeste conseguem sobrepujar a impaciência dos leitores nos grandes centros. No entanto, Graciliano Ramos (1892 – 1953), o qual também trabalhou na imprensa, conseguiu – e continua conseguindo – nos prender ao longo de mais de 100 páginas ao revelar o drama de Fabiano e sua família de retirantes no clássico *Vidas Secas*, de 1938.

É bastante improvável que qualquer jornal dedicasse qualquer linha a uma notícia do tipo: “Sertanejo precisa sacrificar seu cão”. E, se o fizesse, é menos provável ainda que a nota merecesse atenção dos leitores. Mas Graciliano causa comoção em um capítulo inteiro com a narração do sacrifício da cadela Baleia, ainda em *Vidas Secas*.

O escritor alagoano faz com que os leitores se importem. E consegue isso por meio da humanização das personagens, o que facilita a identificação entre o retratado e o leitor. Ambos, Fabiano e o leitor, afinal das contas, são humanos.

Estaria, portanto, faltando algo da arte nos noticiários, da estratégia discursiva da literatura, conforme se atreve a defender Alain de Botton, o qual cita o exemplo de Shakespeare (1564 – 1616), no detalhamento de acontecimentos importantes da república romana, tornadas fascinantes na obra *Júlio César*. Exatamente o contrário da entediante cobertura referente a acontecimentos importantes da política italiana

descortinadas no noticiário político atual, o qual precisa de bem menos linhas para fazer com que o leitor se impaciente.

Quando bem contadas, as histórias podem funcionar em dois níveis. Na superfície, tratam de temas particulares envolvendo uma série de fatos relacionados a determinados tempo e lugar, a uma cultura local e um grupo social – e esses elementos específicos tendem a nos entediar quando são alheias à nossa experiência. Mas, em uma camada abaixo dos temas particulares, escondem-se os temas universais. Eles são psicológicos, sociais e políticos e transcendem os contextos temporal e geográfico das histórias, ancorando-se nos elementos fundamentais invariáveis da natureza humana. (p. 81).

Em suma, Alain de Botton preocupa-se, ao debruçar-se sobre o noticiário, em forjar uma ferramenta para tornar as pessoas melhores. Se é isso que o filósofo almeja, é de se supor que hoje, esse papel não é cumprido pelo jornalismo. Ao contrário, a pressão nas redações – ditada não apenas pelo *modus operandi* caótico da rotina jornalística, mas também por interesses comerciais subjacentes – pode ser responsabilizada pelo fornecimento de um noticiário fragmentado, desinteressante (exatamente nos temas que mais deveriam nos interessar), e fermentadores de um cinismo que tende a reforçar o *status quo*.

Se por um lado não nos faltam informações, nos falta interesse. Principalmente no que diz respeito ao outro distante, retratado superficialmente em um noticiário internacional inosso – embora não faltem eventos dignos de figurarem em obras clássicas da literatura.